

O Banco de Portugal, moedeiro falso, os seus cúmplices e os seus acusadores dentro e fora do Parlamento

Vimos provando, dia a dia, que os maiores falsificadores de notas, os maiores falsários, os maiores burlões têm sido os governos e o Banco de Portugal. Quando surgiu o escândalo do Angola e Metrópole já os Inocências, os Mota Gomes e os António Marang da Silva tinham muita prática de falsificações.

Mandar estampar papel sem valor tem sido para aquela gentinha uma banalidade. E depois do crime praticado ficam-se de consciência tranqüila devorando uma boa parte do seu produto e contemplando sorridentes a ruína do país.

Essas notas de 500 escudos em cuja passagem o Angola e Metrópole se encontra envolvido, não diferem grandemente, senão nas intenções e nas proporções, das emissões ilegais que o António Maria da Silva, o Mota Gomes e o Inocência mandavam fazer quando lhes apeteceu. Em regra, as notas falsas que estes cavalheiros punham em circulação—e que ainda continuam circulando—destinavam-se apenas a acudir às aflições dos compadres e aos desequilíbrios do Tesouro. Era uma maneira de equilibrar as finanças que ainda mais as desequilibrava. Esta emissão, em que o Angola e Metrópole interveio, tinha uma finalidade diferente e por isso mesmo é que o Angola e Metrópole foi chamado a intervir nela.

Como se destinava ao financiamento de Angola—que se fosse honestamente posto em prática merecia louvores—foi necessário arranjar uma terceira entidade que distribuisse essas notas naquela província africana, visto que, devido à posição do Banco de Ultramarino perante o Banco de Portugal, não podia este desempenhar-se da espinhosa missão. O Angola e Metrópole interveio. Fizeram-se contratos, que a extraordinária imaginação do conselheiro Alves Ferreira transformou em contratos falsos, tomaram-se compromissos entre o Banco de Portugal e o Angola e Metrópole, entre este e Rêgo Chaves, Alto Comissário de Angola. E tudo ia bem no melhor dos mundos possíveis. Mas de repente vem o alarme. Ultramarino teme o rival Angola e Metrópole e faz escândalo, um escândalo desorientado atribuindo ao novo organismo financeiro perigosos capitais alemães. Descobrem-se as notas e o Ultramarino, por intermédio de O Século, faz um ruído ensurdecedor, mal pensando que as notas falsas... eram verdadeiras e que tinha sido o Inocência Camacho quem as mandava estampar.

O resto conhecem os leitores. Como se verifica claramente, esta emissão de notas de 500 escudos é tão falsa como as emissões anteriores autorizadas pelo António Maria da Silva, e executadas pelo Banco de Portugal.

Se é crime o Angola e Metrópole passar a moeda falsa que o Banco de Portugal mandou estampar, não menor crime tem sido a passagem de notas falsas que há tantos anos o Banco de Portugal vai fazendo.

Acusações alheias

Verifica-se, pois, que o Banco de Portugal, desta vez como das outras, estampou, ou mandou estampar as notas. E' moedeiro falso. E incumbiu o Angola e Metrópole de passá-las. Isto é mais claro do que a água limpa das fontes.

Neste caso as responsabilidades na emissão secreta das notas de 500 escudos tipo «Vasco da Gama» pertencem ao Banco de Portugal e são idênticas às que lhe cabem em crimes semelhantes praticados anteriormente.

Ora, segundo os que no parlamento têm discutido a gravidade da emissão secreta dessas notas, o crime dos ministros das finanças e do Banco de Portugal é classificado de **cunhagem e passagem de moeda falsa**.

O sr. Alberto Xavier referindo-se a este acto criminoso, tem esta opinião clara e concluinte:

De maneira que essas notas são, na realidade, notas falsas. Se o próprio Banco de Portugal emitir notas sem autorização legal clara e inofusável, este facto envolverá responsabilidade criminal para os seus dirigentes e executivos. Não há diferenças na situação jurídica que é absolutamente idêntica. Do mesmo modo, o governo, ordenando emissões ilegais dessas notas, pratica um acto criminoso, sendo os seus membros responsáveis como qualquer cidadão autor de moeda falsa.

Por repetirmos estas verdades que o sr. Alberto Xavier tão à vontade e com tanta energia proclamou no parlamento, estamos envolvidos em onze quebras. Não as tememos. Iremos aos tribunais. Temos a certeza de que as nossas melhores testemunhas serão os srs. Alberto Xavier, Cunha Leal, Almeida Ribeiro, Carvalho da Silva, Jorge Nunes. Tememos apenas que o sr. Cunha Leal vá para o tribunal mentir patrioticamente...

A vida social na Rússia

Política económica—Supressão do alfabeto turco—O assalto ao emprazo público—O número de abortos não excede a natalidade—Relações económicas com a Polónia

MOSCOVO, Março.—O conselho de trabalho e defesa decidiu a vinda para os sovietes de cerca de 200 engenheiros e técnicos de industria para cooperarem no levantamento económico do país. A maior parte dos técnicos deverão ser contratados na Alemanha e na Austria.

Verificando-se que a feira comercial de Nijni Novgorod não corresponde às necessidades contemporâneas, foi incumbida uma comissão de estudar a forma de a extinguir. O relator desta comissão emitiu o parecer de que a única vantagem desta feira é manter uma ligação entre a Rússia e o Oriente, especialmente a Pérsia, acrescentando, porém, que este não a participação do Oriente foi muito menor, dando à feira um balanço negativo.

—Por decreto de 5 de Março corrente, o comité central da Transcaucasia torna obrigatório o emprego do alfabeto latino para as línguas turca, turkmena, azerbaijane, etc. Até à data, era facultativa a transcrição de signos árabes em documentos latinos. O decreto agora publicado foi determinado pelas conclusões que chegou a conferência de professores tunelógicos, reunida ultimamente em Bakou, as quais se pronunciaram pela supressão do alfabeto árabe. Da parte do governo, esta reforma parece ter o objectivo politico de separar intellectualmente a Turquia e a Pérsia das populações muçulmanas sob a soberania da União Soviética.

—Causou emoção nos habitantes de Odessa o suicídio do dr. Héclin, que fôra nomeado clinico, por concurso, num hospital da cidade. O concorrente vencido, um tal Bir, comunista, desenvolveu larga intriga com o director do hospital, também comunista. Héclin perdeu o seu lugar, foi excluído do seu sindicato, privado de alojamento e sobrecarregado de impostos. Desesperado, suicidou-se. Bir e o director do hospital, considerados como responsáveis pela morte do dr. Héclin, foram presos e serão julgados nos tribunais.

—O número de abortos operados nos institutos oficiais excedeu o dobro do número verificado no ano anterior. Em Leninegrado, durante o ano de 1924, operaram-se 6.700 abortos, e em 1925 esse número atingiu 16.000, ou sejam 42 por cento da natalidade. O aborto, todavia, continua sendo pouco praticado nos campos, não atingindo mais do que 12 por cento da natalidade.

—A conferência ferroviária polaco-soviética terminou já a primeira parte dos seus trabalhos, tendo feito a uniformização das disposições legais que regulam o tráfego ferroviário nas duas fronteiras, sendo completo o acordo. Na segunda parte, estudará a conferência a instituição do transporte de mercadorias entre a Rússia e a Polónia e vice-versa, sem transbordo nas fronteiras. —Havas.

António Maria da Silva autorizou a procição do Senhor dos Passos em Almeirim

Raramente, neste país, a reacção se mostrou tão atrevida como agora que vivemos em pura democracia, com o rei dos democratas empunhando as rédeas do governo.

A reacção religiosa, é dessa que tratamos, tem-se imiscuído em tudo. Por todas as trancas e por todas as brechas, ela capricha em tornar elementos seus aqueles que mais desmereceram os seus títulos.

Acabam de nos narrar um facto, passado, em Santarém, a propósito da propaganda dos Passos que a reacção quer realizar em Almeirim, que merece ser ponderado pelo povo, única entidade para quem podemos hoje apelar, visto que aqueles que nos governam, burlões e falsários, que roubam eleições como quem rouba um cacho de uvas, que emitem notas falsas como quem escreve um postal à família, estão todos de mãos dadas para nos entregarem a essa megera de cabelos hirsutos e de afiadas garras, que se chama a reacção.

Contaram-nos isto: Como o comércio esteja periclitante, pois tem-se feito sentir muito a falta do dinheiro que os traficantes gastaram estupidamente com luxo, orgias, automóveis e amantes, os comerciantes de Almeirim imaginaram realizar a procição dos Passos a ver se conseguiam accorção de forasteiros e melhores apoios na gaveta. Assim, nomearam uma comissão composta de monárquicos, nacionalistas, democráticos, sidonistas, etc. que se fosse entender com a autoridade administrativa, a fim de obter a almejada licença.

A comissão foi à Administração do Concelho, mas o administrador, não concedeu licença. Vieram depois os comissionados ao Governo Civil e não foram mais felizes; dirigiram-se por isso a Lisboa e obtiveram do Governo a licença precisa para passar as ruas de Almeirim com o Senhor dos Passos às costas.

Mas o Governo Civil impoz-se e parece que estava mesmo resolvido a não acatar as resoluções do Governo. E, para se colocar bem com Deus e com o Diabo, e sobretudo, com o fim de não sofrer as vaias dos seus correligionários, arranjou o sr. Mário Forte uma genial fórmula: —A comissão seria composta apenas por democráticos; e, para realizar a procição, teria que depositar no G. Civil de Santarém a quantia de 1.500\$00 para os pobres de Santarém, sem se dizer se tal quantia deveria ser entregue aos pobres de espírito se aos demais pobres. E, o que é facto é que a comissão—composta certamente de comerciantes pobres, que vieram mendigar uma procição para ganharem alguns patibos depositou 1.500\$00 que não de certa maneira entram em linha de conta na exploração que pretendem exercer sobre os forasteiros de Almeirim.

E o sr. governador civil, pessoa muito

A campanha contra a ameaça fascista intensifica-se, acorrendo o povo às conferências e sessões em grande número

Como estava anunciado devia realizar-se ontem pelas 21 horas na sede da Universidade Livre uma grande sessão contra a tentativa fascista, na qual usariam da palavra o dr. João Camoesas, António Peixe e Mário Domingues.

A hora indicada já no largo de Camões e nas escadas da sede da Universidade Livre, se aglomerava grande multidão que não podia ingressar na sala onde a sessão deveria realizar-se em virtude da porta se encontrar fechada e o continuo daquela aglomeração tardar em aparecer.

Como a demora fosse demasiada resolveu a comissão realizar a sessão na sala de festas da Construção Civil, na calçada do Comburo.

O salão encheu-se completamente. Alexandre Vieira, em nome da comissão, disse das razões daquela sessão e deu a palavra ao nosso camarada Mário Domingues.

O orador não teme o fascismo em Portugal. Mãe duzia de vaidades que o prégam não ofereceriam grande perigo se os erros e os desmandos da república não lhes estabelecessem ambiente propício. A república afastando-se das classes operárias, faltando aos compromissos que com elas firmara, abandonando o problema da educação, dando dia a dia o vergonhoso espectáculo da desmoralização, da mentira e do roubo, poderia dar aos chefes despretigiados do fascismo um prestígio que afinal eles também não têm. Para combater o fascismo talvez nem necessário seja vir à rua e pegar em armas. Basta obrigar a democracia portuguesa a cumprir o seu dever.

Combater os desmandos da república é combater o fascismo nascente—por que sem esses desmandos este não terá possibilidades de triunfo. Não têm os fascistas portugueses grandes forças ao seu dispor. E' certo que a grande imprensa lhes faz o jogo. Mas essa imprensa venal e desacreditada, a despeito da sua tiragem, não representa uma grande força de opinião pública. A grande maioria dos jornais de grande circulação lêem-se, mas ninguém os acredita. Só num golpe de surpresa os fascistas poderiam vencer. E' contra essa surpresa que o povo deve estar precavido, mantendo-se unido, solidário e enérgico na luta.

Fala António Peixe

António Peixe principia por afirmar que se não fôra o receio de ser acusado de poltrão não teria colaborado na sessão de propaganda, porque demasiado sabe o povo o que é o fascismo. Mas a pesar de tudo ele sentia a necessidade de vir protestar contra a tentativa fascista em Portugal, que pode revestir uma forma diferente da italiana, e aí é que está o perigo.

Refere-se à guerra que veio despertar ancestrais instintos. Como reacção contra o barbarismo e ambiente guerreiro, surgiram então os movimentos de conquista operária. E a burguesia viu-se forçada a ceder terreno à onda que avançava. A própria burguesia, pela voz dos aliados, veio pregar uma nova era de ampla democracia. Esses largos princípios pregados visavam a fazer com que as massas proletárias fôsem de boa vontade para a carnificina, na mira de alcançar regalias morais e materiais de maior vulto.

A revolução russa contribuiu também para animar as esperanças emancipadoras das massas trabalhadoras. E em Itália o povo trabalhador faz o movimento da tomada das fábricas. Estes factos, esta ansia de libertação aterrorizou a burguesia capitalista. Esta compreendeu que havia cedido demasiado terreno. Neste ambiente de reacção burguesa, fácil foi a Mussolini dirigir o golpe contra as forças revolucionárias, cansadas dos esforços realizados até então. Depois de assaltar sindicatos e agremiações operárias, dispersando e assassinando os elementos mais activos, fácil lhe foi em seguida ir esmagando as organizações católicas e maçónicas, tornando-se o senhor absoluto da Itália.

Presentemente Mussolini no seu desvalimento sonha com a conquista do mundo. Cita o orador uma correspondência publicada há dias em A Batalha, que se refere às afirmações do futurista Marinetti que exalta as qualidades dos italianos e chega a dizer que o último dos italianos vale por mil estrangeiros.

Não teme António Peixe que Mussolini conquiste o mundo mas está convencido de que poderá provocar conflitos internacionais cujas custas o povo pagará.

Não crê que os fascistas da Cruzada Nun'Alvares consigam concentrar vinte mil homens em qualquer ponto do país. Diz que o perigo em Portugal não é de fascismo, é de riverismo. Os homens da Cruzada andam fazendo propaganda pelos quartéis. Existe, portanto, o perigo de um dia pelo telefone, como o fez Primo de Rivera, darem um golpe de Estado. E entre dois males—o riverismo e o estado presente—escolhe o menor.

Estamos colocados—disse o orador—nesta triste situação: fazer o jogo do partido democrático para não suportar a ditadura das espadas.

Afirma ser esta a triste verdade. Entretanto, tem esperanças de que não se eternizará esta situação.

das relações dos católicos cá da terra, não duvidou alugar a chagada efigie do Senhor dos Passos de Almeirim pela quantia de 1.500\$00! Judas a que chamavam preverso, avaro e mau, vendeu-o, em carne e osso, por trinta dinheiros; o sr. Mário Forte alugou-lhe a imagem!

Fez-se com o Senhor dos Passos o mesmo que é de uso fazer-se com os batoteiros profissionais por ocasião das feiras: —Quere jogar livremente, sem que a polícia dê por tal?... Basta pagar dois ou três contos para o hospital ou para os emaranhados cofres da policia e tudo se releva, a tudo se fecha os olhos!

Ora já era bem tempo de as autoridades não negociarem infamemente com os pobres imagens que os católicos devotamente guardam em seus nichos. E o caso é que os católicos acedem a tudo isto, porque lhes convem ao seu negócio.

S. FRAZÃO

Dizem os militares fascistas que o seu movimento é para moralizar a administração pública. Mas afinal olha-se para os cargos mais altos da república e são exercidos por militares. O Lazareto era administrado por militares e até as portas e janelas roubaram. Querem para acabar com a corrupção elevar a chefe o Cunha Leal, o homem mais corrupto da politica portuguesa. E para exemplo de ordem temos o Congresso Nacionalista onde militares como Filomeno da Câmara e Cabeçadas andaram à cabeça uns aos outros.

Diz que o proletariado português tem sabido cumprir a sua missão defensiva. Não aconteceu como em Espanha, onde Garcia Prieto perante o perigo da ditadura quis armar os revolucionários espanhóis, estes porém, colocando-se num campo neutro, responderam que ditadores e governo ajustassem as contas entre si por que o proletariado era alheio a essas questões. E o resultado viu-se. Os trabalhadores espanhóis encontram-se actualmente sob uma opressão iníqua que pretendem derrubar à custa de muitos fracassos e esforços mal sucedidos.

Fala o dr. João Camoesas

Alexandre Vieira deu em seguida a palavra ao dr. João Camoesas que, diz que não vai tratar da defesa do partido democrático ou da república. Trata-se de uma sessão contra o fascismo em Portugal. E' esse crime que é preciso atacar.

São as chamadas classes conservadoras que preconizam o fascismo. Mas elas contradizem-se constantemente. São pela ordem e provocam a desordem, são pelo nacionalismo e querem implantar um processo estrangeiro de governo.

Acha que os fascistas portugueses são sobretudo de uma incompreensão absoluta das realidades nacionais. Porque a opressão é incompatível com o espirito do povo. Nas horas de crise é sempre o povo que interveio a favor da liberdade e do progresso. Cita a revolta do Mestre de Aviz, a luta pela integridade do solo em Alcantara contra a invasão espanhola, as lutas populares do constitucionalismo, a escalada de Monsanto.

Refere-se às formas tradicionais de acção nos momentos de crise em vários países. Em Italia os grandes movimentos sociais fizeram-se sempre por grandes massas humanas alucinadas conduzidas por um homem, préconul, não império romano, condutieri, na Renascença, Garibaldi, para unificação da Italia, à frente dos seus camisas vermelhas, agora Mussolini conduzindo os camisas negras.

A característica de reacção social em Espanha é o pronunciamento. Quando organizada a tropa, pronunciamento militar; pronunciamento de seitas religiosas, quando a religião era a força; pronunciamentos da fidalguia, quando os fidalgos mandavam. Em Portugal é a aruação popular, sem chefes, impetuosa, que luta por uma ideia, que vence, e que ao dia seguinte abandona

o campo aos espertos, que espreitaram durante a luta onde agitar-se.

A formula fascista não tem adaptação possível em Portugal. Querendo impô-la em nome da ordem os fascistas portugueses por acaso vão provocar a desordem. E se o triunfo será efêmero, como foi o sidonismo, deixando atraz de si um rastro de sangue, de odios e de cadáveres.

Todos os oradores foram muito aplaudidos. Encerrada a sessão, o povo que enchia salas e corredores debandou em ordem, gritando abaixo o fascismo, viva a liberdade.

Decorreu com entusiasmo a sessão em Alcantara

Na sede do Grémio Escolar Republicano de Alcantara realizou-se ontem uma sessão de propaganda contra o fascismo, a qual decorreu com muito brilhantismo.

Aberta a sessão, o sr. David Ferreira produziu algumas considerações sobre o regime fascista, o qual considera o maior crime da reacção. Demonstrou a cumplicidade de Mussolini no assassinato de Matteotti, nas tentativas de assassinato contra o professor Salvemini e insurge-se depois contra a imprensa conservadora que exalta este regime de criminosos.

O fascismo está disposto a provocar guerras, como o revelou ultimamente o conflito do Tirol, como o revela a própria imprensa fascista italiana nos seus desafios bélicos à França. Nem Portugal escapa à sanha fascista, pois em Italia está sendo considerado país dissoluto sem direito a possuir colónias.

Sente-se a necessidade de se criar em Portugal uma imprensa incorrupta e independente.

Refere as perseguições feitas à liberdade de imprensa e de opinião pelo negado fascismo, que delem violentamente a opinião nacional.

A-pegar da repressão, uma ou outra vez se levanta uma voz audaciosa que protesta contra a tirania.

Depois, faz um cerrado ataque contra os que pretendem impor um regime semelhante em Portugal. Não sabem esses maus, esses desvaídos, que tragédias têm provocado as ditaduras, que Portugal.

Segue-se o sr. dr. Câmara Reis. Começa por advogar a necessidade de se combater com energia o fascismo, cujas origens se podem encontrar nos instintos bárbaros que a guerra despertou nos homens. Existe uma luta entre homens que sentem um grande anseio por liberdade e os que querem impor o preconceito da ordem.

Refere-se a varias épocas revolucionárias dos séculos passados, destacando a Revolução Francesa como o maior choque das ideias modernas contra preconceitos antigos.

Assim, a grande guerra só poderá ser analisada friamente e exactamente daqui a muitos anos. O fascismo é a reacção de

uma minoria contra o advento revolucionário de novas ideias, e tornou-se logicamente um regime de brutalidade.

A educação é necessária para evitar toda a violência, saber ler pode ser mau ou bom instrumento, mas compreender é sem dúvida uma grande qualidade. A propósito, traça o elogio da ditadura russa, que, ao contrario do fascismo, procede a uma larga obra de educação. O trabalho inglês a obra ciosa deve à revolução russa, pela oposição que faz às forças conservadoras que pretendem avassallar o mundo.

Os homens da direita estão sempre dispostos a concordar com a violencia porque nada querem ceder. Com a Europa, mas, creiamos, grande resistencia irá encontrar nos países de tradições revolucionárias, cuja tendéncia é para as esquerdas.

Em Portugal são varios os candidatos à ditadura, mas nem mesmo unidos conseguirão a pratica dos seus intentos pois o povo não consentirá. Aliás, tais ditadores, bandeados com bancos e companhias, não terão moralidade que os recomende.

Todos os homens que nutrem quaisquer sentimentos de liberdade devem unir-se para evitar que um ditador venha amordaçar-nos.

Fala agora o nosso camarada Manuel da Silva Campos. Faz um largo incantamento à luta contra o fascismo que pretende manter a escravidão e a tirania. Protesta contra as perseguições e contra os crimes praticados nas classes operárias. O fascismo que se pretende macaquear em Portugal será muitas vezes mais bárbaro.

As sociedades caminham sempre, a-pegar dos Mussolinis e dos Filomenos. Nenhum tirano ou tiranete será capaz de deter a evolução do espirito progressivo da Humanidade. O fascismo quer que os indivíduos vivam sempre na escravidão, sujeitos às vilanias dos poderosos. Hoje as sociedades impõem-se e vivem pelo trabalho que as sustenta e as faz progredir. São os trabalhadores que garantem o bem estar e o progresso das colectividades. E para quem trabalha só pode viver em liberdade e a tirania só pode beneficiar os parasitas.

Somos contra o fascismo porque ele representa o passado da tirania. Contra o fascismo temos de estar vigilantes, todos prontos para a batalha, logo que a voz da liberdade chame por nós. A luta que tenhamos de travar, deve deflagrar-se até final, sempre pela Liberdade, contra todos que a ameacem. Chegou o momento de cada homem provar quanto vale a sua consciência.

Por último, o sr. dr. Rodrigues Miguel toma uso da palavra, exaltando o sacrificio de homens que no passado lutaram pela Liberdade. Sauda calorosamente o povo, eternecido pelo culto da Liberdade que ele sempre tem mantido, a-pegar de tudo e através de todas as épocas. Os homens da ordem apelam para o passado, mas dele não sabem tirar o que tem de mais belo e humano: preferem o passado morto.

Tem-se feito nos últimos anos uma pro-

A PROVINCIA DE ANGOLA

A acção bárbara de povos civilizadores contra povos tranqüilos e independentes

Quem leu Os Bandidos de Angola deve recordar-se do que foi a acção civilizadora do elemento europeu português no tempo do conselheiro Ramada Curto, que foi Governador Geral e Chefe dos Serviços de Saúde de Angola.

Nas páginas desse livro, que é bem um libelo do seu autor, professor Fonseca Lage, vê-se que a colónia não era mais do que uma grande praça de comércio, uma poderosa casa comercial, tendo por gerente a mais alta entidade oficial, por sub-gerentes os imediatamente subordinados, a alta finança, as maiores empresas e todos os comerciantes em alta escala—número em que incluíamos as mais altas categorias burocráticas—e por caixeiros os demais empregados—o baixo funcionalismo militar e civil e todos os que não podiam apanhar o fruto da árvore da felicidade.

O comércio exercia-se desde as praças públicas aos mais afastados esconderijos, desde o palácio do governo às menos importantes das repartições, ao comércio, novo autocrata da sociedade, tudo se sacrificava, como hoje—muito mais do que em tempo algum—se sacrificia sem hesitações e sem o menor escrúpulo.

O fim civilizador das aves portuguesas—e estrangeiras—arribadas à árvore Angola, era e é precisamente o mesmo com que arribaram à flora sul-americana, fim idêntico ao da Espanha no México, e em Marrocos, ao da Inglaterra nos Estados Unidos da América do Norte. E' o fim de todas as nacionalidades, de todos os dirigentes dos povos que se julgam com o direito de conquistar e dominar, mesmo que seja a ferro e fogo.

Assim, como a Irlanda sentiu sempre sobre si a bruta patá inglesa e como a suprema ambição dos Bismarks e Hohenzolerns consistia em verem realizada a utopia de chamar ao Globo o Império Terrestre Germanico; assim como a Inglaterra pretende fazer compenetrar o mundo inteiro que lhe pertence, por direito de força marítima, o domínio dos mares; assim como diversos países se julgam com o direito de atacar a Revolução Russa; assim como se decreta o roubo e a morte e se glorificam gatuños e assassinos; assim como meia dúzia de políticos lançam no horror da miséria a população dum país inteiro, assim as nações possuidoras de domínios coloniais usam de todos os meios para que as populações nativas se compenetrem de que nada mais são do que escravos da raça que os domina e que tem o pleno direito de tudo lhes exigir.

E tudo se lhes exige desde o esforço

produtivo, à custa do qual vive e enriquece o branco, o explorador, o carrasco; tudo, desde a instrução às galinhas, desde a virgindade à vida!

As próprias missões americanas não visam outro fim que não seja o de ludir o preto, procurando por todas as formas possíveis e imagináveis captar-lhe a simpatia até que ele, pobre escravo, por sua livre vontade se revolte e de bom grado aceite que o patrão em vez de português seja americano.

Tudo ambição! Tudo egoísmo! E a ambição sem limites, o desmedido egoísmo tanto mais se manifestam da parte das nações ricas e poderosas contra os domínios ultramarinos dos países pequenos e pobres quanto mais deficiente, improfunda e incompetente for a administração exercida pelos governos destes países nas suas possessões coloniais.

A causa primitiva da ambicionada conquista é a riqueza do solo, sua extensão, situação geográfica, postos de mar, hidrografia, sistema orológico, fauna, flora, etc.; a péssima administração, o atraso civil do nativo, a falta de industria e vias de comunicação, o abandono a que deitam a agricultura, as arbitrariedades cometidas pelas autoridades, são os pretextos do avanço, que deles se pode fazer acompanhar, como justificação, até à conquista definitiva.

Não dizemos os próprios portugueses, que Portugal é um país pequeno e pobre e que está sujeito a perder os seus domínios no ultramar, principalmente Angola e Moçambique, estando colocado na impossibilidade de administrar estas duas grandes colónias, já pela falta de recursos, já pela incompetência administrativa?

Não é verdade que Angola desde a sua conquista até ao nossos dias tem sido sempre um jazigo inexplorado, à carência absoluta de recursos, dum administração escrupulosa e digna e em virtude da nenhuma iniciativa particular ou oficial, e não se tem feito sentir em Angola, através de todos os

“A COMUNA”

Completamente melhorado reaparece no próximo domingo, iniciando a publicação da sua 3.ª série, «A COMUNA», semanário anarquista do Porto.

Correia de SOUSA

PST!

Se quiser passar
uma noite agradável
vá hoje vêr
o interessante
Pão de Ló
ao
AVENIDA

paganda do que o passado tem de impro-
gressivo e estagnante, clamando por fan-
tasmas, sem terem a coragem nobre de en-
carar e seguir as aspirações do futuro, do
futuro que será sempre melhor que o pre-
sente.

As sociedades serão tanto melhores quan-
to mais se sentirem nulas da razão, do senti-
mento e da liberdade.

Refere-se às origens do fascismo, que é
apenas a união dos reacionários contra as
aspirações da Humanidade.

O fascismo é a reação das classes con-
servadoras contra os progressos revolucio-
nários do Socialismo.

A Itália é país de tradições de violência
e de imaginação excitada. Tinha de ser,
portanto, já por stavismo, o berço da mais
brutal ditadura. E Mussolini quer ser César,
maior que os Césares romanos—e Júlio
César, que Mussolini quer imitar, era calvo
como o fundador do fascismo. Ora,
Mussolini foi sempre um modesto profes-
sor primário, não poderá ser um César, e
a sua psicologia é a do «condottieri», dos
bandidos de Campana: Mussolini nem se-
quer é um intelectual.

Por toda a parte, no estrangeiro e no
país, Mussolini revela o seu ódio à Liber-
dade e à Inteligência. De vez em quando,
um sicário seu vai matar um homem que
protesta.

Mussolini nunca será um César: será
sempre um cão miserável. Júlio César afixa-
va nas ruas de Roma os nomes dos ho-
mens que deveriam ser mortos. Mussolini
quer seguir-lhe o exemplo, até nas cidades
estrangeiras.

O receio do fascismo em Portugal não
deve fundamentar-se, não só pelas tradições
que possui como por não haver o grega-
rismo, isto é, uma massa popular uniforme.
O que devemos recear é esta incerteza que
anda no ar, ameaças vagas, tentativas que
se fazem na sombra. Todos os meses oscila
a bússola da ditadura, de forma que passa-
mos a desconhecer qual ditador virá opri-
mir-nos.

Temes de lutar contra o desvairamento
de chefes sem inteligência que fazem apolo-
gia do poder militar em conjuras subter-
ráneas. A revolução tem de ser dos homens
do futuro, porque uma revolução não é o
regresso ao passado, mas uma rápida evo-
lução para novas regras sociais.

E' possível que estejamos lutando contra
sombrias, mas é bom para todos que se
evite a materialização dessas sombras.

Não queremos ditaduras: nem militar,
nem política, nem partidária. A Liberdade
existe na consciência dos homens; mata-la
é aniquilá-la.

É a última energia do nosso sangue
devemos lutar pela Liberdade.

Assim se encerrou esta bela sessão, em
que todos os oradores foram entusiasticamente
aplaudidos pela enorme assistência.

As conferências de amanhã

Realizam-se amanhã, pelas 21 horas, con-
ferências nas seguintes locais:

Associação dos Descarregadores de Mar
e Terra, Calçada de Castelo Branco Sarai-
va, n.º 4, 1.º.

Sindicato dos Arsenalistas de Marinha,
Calçada da Graça, n.º 12, 1.º.

Sindicato dos Ferrovieiros do Sul e
Sueste, Casa dos Ferrovieiros, Barreiro.

A viagem

Espanha Argentina

E' solenizada
na próxima segunda-feira
no Teatro de São Luís

O ministro de Espanha em Lisboa, que
se encontra em Madrid e que em breves
dias deve regressar a Lisboa, enviou ao sr.
governador civil a partitura completa para
a banda da *Canção do Soldado*, obra prima
musical do grande maestro D. José Ser-
rano, letra de Sinesio Polgado que vai ser
executada na próxima segunda-feira, no sa-
rau que se realiza no Teatro de São Luís,
de homenagem à nacionalidade espanhola
pelo exito da viagem aérea de Palos a
Buenos Aires. Os solos da *Canção do Sol-
dado* são cantados pelo tenor sr. Almeida
Cruz e pelo soprano lírico Maria Pires
Marinho, como acompanhamento de massas
corais das companhias de opereta Arman-
do de Vasconcelos, Eden Teatro, Maria Vi-
tória, António de Macedo, Oscar Ribeiro,
Almeida Cruz e Teatro Joaquim de Almeida,
num total de 120 coristas de ambos os
sexos.

O maestro Fão da guarda republicana,
começou já a dirigir os ensaios da *Canção
do Soldado* tendo por sua vez o aplaudido
maestro Luís Filgueiras tomado o seu cargo
a direcção dos coros da canção *Alma
Portuguesa*. Ambas estas canções com que
fecha o programa do sarau serão acompa-
nhadas por uma grande orquestra e pela
banda da guarda republicana.

Um dos números mais interessantes do
programa é a apresentação do concertista
violinista espanhol sr. D. Francesco Benetó,
que executará a *sofa* as arias «Bohemia»
de Sarasati com acompanhamento da banda
da Guarda Republicana o que pela primeira
vez se faz entre nós.

Vários artistas da Companhia de Opera
Lírica do Teatro de São Luís tomam parte
no sarau bem como a illustre professora de
canto sr.ª D. Emiliana Salgado, soprano lí-
geiro, 1.º premio do Conservatório Real de
Madrid.

O poeta Silva Tavares escreveu para esta
festa a inspirada poesia *Salve-Bendita seja
eternamente a Espanha*, que será recitada
pela actriz Palmira Bastos, Amélia Rey
Colação recitará versos de Campozamor.

O Teatro São Luís apresentar-se-á de-
corado com plantas, flores, colchas e ban-
deiras estando essa decoração a cargo dos
jardineiros da Câmara Municipal de Lisboa.

Amanhã no Teatro de São Luís começa
venda de bilhetes ao publico para o sarau.

Morte suspeita

BERLIM, 18. — O engenheiro alemão
Schultz, preso como indicado no caso das
notas falsas do Banco de França, morreu
subitamente.

TIVOLI
Telef. 11. 5474
A'S 8 3/4
MAGNÍFICO PROGRAMA
DOIS ESPLÊNDIDOS FILMS
Antepenúltima exibição
GRIBICHE
Comédia em oito partes adaptada por Jacques
Seydier da novela de Stendhal Bouffé
A'S 10 3/4
LOUCURAS DUMA NOITE
Super-produção em sete partes com
BARBARA LA MARR
Uma panorâmica
Um «film» de desenhos animados

A greve dos Ferrovieiros de Lourenço Marques

Azevedo Coutinho continua a mentir
sem reboço

Da Arcada foi-nos enviado o seguinte
comunicado:

«O alto comissário de Moçambique tele-
grafou ao ministro das Colónias, comunican-
do que chegou ali o pessoal da brigada
de mecânicos e do batalhão de sapadores,
o que conjugado com a saída do transporte
de guerra *Gil Eanes*, que levou para a ilha
de Moçambique os membros do comité
operário, deu como resultado inscreverem-
se grande número de antigos elementos do
caminho de ferro e porto daquela cidade,
tendo a respectiva direcção admitido mul-
tos depois de feita a necessária selecção,
estando as oficinas a trabalharem já com
mais de cem operários. Alguns serviços es-
tão completamente normalizados e outros
caminho para uma rápida normalização.
O governo da província continua na dis-
posição de facilitar a repatriação dos ele-
mentos que não forem admitidos, se depois
de decorrido determinado prazo não con-
seguirem obter qualquer outra colocação
na colónia.

O referido funcionário, informa mais que
só em circunstâncias muito extraordinárias
é que o tem levado a adoptar medidas ex-
cepcionais, destinadas a garantir a seguran-
ça dos comboios, e que se tem recorrido
a tropas indígenas para manter a orde-
m, é devido a não estarem completos os
effectivos das unidades europeias, mas que
as referidas tropas indígenas, só são em-
pregadas em núcleos, mas sempre coman-
dadas por um oficial europeu ou por um
graduado também europeu.

Comunica também que se fazem actual-
mente dezoito comboios diários, ascenden-
tes e descendentes, explicando que o colo-
car a carruagem com grevistas atrelada a
segur a máquina, em comboios de carga
perigosíssima, seria bastante perigoso e co-
locá-la à frente da máquina ia tirar a vista
do exposto, a única solução a adoptar e
que foi levada a efeito, foi a do vago de-
vidamente resguardado, em que só seguem
homens e estes bem tratados, terminando
por dizer que muitas das informações es-
palhadas são tendenciosas e que têm única-
mente o fim de combater o governo da
província.»

A sessão de ontem foi proibida

Mais uma arbitrariedade. A sessão de
protesto contra as prepotências do Alto
Comissário de Moçambique e contra as
deportações dos ferroviários grevistas, que
devia realizar-se ontem na sede da Câmara
Sindical foi proibida pela policia.

Um telegrama de protesto

O sindicato dos operários tanoeiros do
Porto e Gaia enviou ao presidente do mi-
nistério, António Maria da Silva, o seguinte
telegrama de protesto contra os aconteci-
mentos de Moçambique.

Presidente do Ministério.—Lisboa, T.—
A Associação dos Operários Tanoeiros do
Porto e Gaia em nome dos seus 3000 com-
ponentes protesta indignadamente contra
os actos de canalismo autorizados e man-
dados praticar pelo Alto Comissário de
Moçambique para com os ferroviários gre-
vistas e reclama a sua demissão e a solução
da greve em harmonia com os princípios
de justiça. —Tavares Adão, secretário.

O Congresso Radical inaugura-se amanhã

No liceu Passos Manuel, inaugura amã-
nhã as suas sessões o Congresso do Partido
Radical.

A sessão inaugural principia às 14 horas,
estando já inscritos cerca de 700 congressis-
tas.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Ardeola» são hoje expedi-
das malas postais para a Madeira, Las Pal-
mas e por via Funchal para Africa Austral,
Cabo da Boa Esperança, Elisabetha e Africa
Oriental, sendo da Caixa Geral a última
tiragem da correspondência ordinária à 1
hora e para as registadas recebe-se até às
11 horas da manhã.

NACIONAL

Domingo este teatro leva em «matinée» a lin-
da comédia **AMOR VENGE**, em que Ester Leão e
os restantes artistas, firmes, seguros, disciplina-
dos, representando excelentemente, demonstram
bem o valor do ensaiador António Pinheiro.

Um ministro que desmaia

PARIS, 18. — O sr. Malvy, novo ministro
do Interior, protestou na Câmara dos De-
putados contra as acusações que lhe foram
feitas, perdendo em seguida os sentidos re-
pentinamente. Foi suspensa a sessão.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

**Caixa de solidariedade dos Vende-
dores de Jornais.**—A assembleia geral
elegem para os corpos gerentes: Direcção:
Alfredo Marques Pereira, Alfredo Garcia,
António da Silva, Horácio Bonaparte e Ma-
nuel José da Cruz. Conselho fiscal: Fran-
cisco Lourenço, Raúl Marques de Oliveira,
Augusto Soares Damas, Amadeu Marques
e Carlos Maria da Cunha. Assembleia geral:
Manuel Dias de Matos e Firmino Garcia.
Comissão de festas: Alfredo Garcia, Al-
fredo Marques Pereira, Manuel Dias de
Matos, Amadeu Marques e António da Silva.

Teatro Maria Vitória
Duas sessões A's 8 1/2 e 10 1/2
O "record" dos sucessos
FOOT-BALL
Sucesso estupendo com
os «couplets»
A Revolução de Cacilhas,
e a famosa canção
O Catarina
Estão rigorosamente suspensas
as entradas de favor

HOJE HOJE
Protagonista: **No Teatro do Gimnásio**
A representação da comédia em 3 actos e 4 quadros
Palmira Bastos
Banca à glória
Em papeis
de destaque:
Gil Ferreira
e H. Albuquerque
Original de ALFREDO SAVOIR, tradução de JOSÉ SARMENTO
Scendrios de Luy e Almeida—«Maquetes» de L. Barros—Montagens de S. D. S.

O jovem sindicalista na vida social

Tese a apresentar ao II Congresso Nacional das Juventudes
Sindicalistas por Emídio Santana

Os seus caracteres revolucionários

A luta de classes foi sempre, através de
todas as idades, um processo de libertação.
Porém, nem sempre foi compreendida e
só pelo instinto que, mais ou menos, im-
pele os homens nessa senda de luta e li-
bertação, ela tem sido uma arma defensiva.
Só modernamente, depois de definidas
sociologicamente as transformações sociais
em que a ideologia dos homens tem pre-
ponderância—e não o fatalismo histórico
como única causa—é que a luta de fatalis-
ta tornou método de acção.

A experiência demonstra-nos que tem
sido a acção directa das classes que tem
conduzido os trabalhadores à eliminação
da tutela opressora, e nunca a participação
nos órgãos do estado capitalista que torna
esteril todos os esforços dispendidos. A
história é fértil em ensinamentos. Foi por
acaso a Assembleia Nacional capaz de
opôr-se ao imperialismo de Napoleão III?
Não: foram as massas populares, que num
gesto revolucionário o abateram.

Em Portugal temos o exemplo frisante
de que o Parlamento, com uma maioria
democrática, não obteve a que Sidónio
Paes estabelecesse seu luzido trono, de
trágica memória.

Emfim, tantos são os exemplos que fasti-
diosa é a sua enumeração.

Se a força reside em nós porque não a
empregamos directamente?

A este pergunta física, moral e mental,
que a exergamos directamente.

Mirbeau disse: «se tiveres algum negócio
a tratar não o entregues a intermediários».
Reside não o homem o instinto de
conservação, tão evidente que até própria-
mente os suicidas procuram a forma mais
suave de morrerem. Quando a situação dos
trabalhadores os arrastar a reflectirem na
sua servidão oculta pela igualdade perante
a lei e pelo título de cidadãos—sonho dou-
rado que Lamartine alentou e que para
seus discípulos foi a desilusão para uns, e
escadote político para outro, eles não espe-
ram e agem.

Se o valor do povo reside na aplicação e
afirmação, da sua vontade e da sua men-
talidade, só ele pelo seu esforço pode al-
cançar uma sociedade em que os laços en-
tre os homens sejam o livre acôrdo e a
mútua solidariedade nas relações colecti-
vas, e os actos individuais pela auto-deter-
minação e livre raciocínio.

Pretendemos o ideal sagrado da humani-
dade e não elevaremos a altas posições os
falsos apóstolos disfarçados em desinter-
essados «leaders».

Somos revolucionários por temperamen-
to, por convicção ideológica e por neces-
sidade social.

Não compreendemos uma acção revolucio-
nária isolada, não só porque será insufi-
ciente mas sobretudo porque a nossa or-
ganização não tem uma feição de carboná-
ria. Se reconhecemos que os quadros do
sindicalismo, uma vez completos, o tornam
capaz de se bastar a si próprio, não
necessita ele de que exergamos uma acção
independente.

A nossa acção deverá ser: revolucionária
nos sindicatos; preparatória e educativa nas
Juventudes Sindicalistas.

Se reconhecemos a organização sindical
a capacidade revolucionária necessária para
conduzir os trabalhadores à supressão do
Estado e do salariato com todas as formas
do capitalismo, devemos dentro da luta agir
e empregar os nossos esforços.

Exercer essa acção fora do sindicalismo
é esterilizá-la e torná-la improdutiva.

Concluindo: a Juventude Sindicalista pre-
para a mocidade revolucionariamente, habi-
litando-a a agir nos quadros do sindicalis-
mo, não como instituição própria, mas com
a liberdade individual garantida a todos os
seus elementos para agirem como entendam.

Na Escola

Apesar da escola oficial estar evitada de
todos os erros e convenções, de em substi-
tuição do Deus, da Bíblia e do catecismo
se insinua a adoração à pátria, à consti-
tuição, adoptando-se a educação cívica, no
entanto ainda não devemos colocá-la à
margem, dando-lhe o completo desprezo.
Frequentá-la, equivaleria a mancomunar-
mo-nos com a mentira da educação bur-
guesa ou religiosa? Julgo que não. Separa-
do o trigo do joio algo se aproveita.

A escola oficial enferma dos gerais de-
feitos tornando os indivíduos afeitos às re-
gras da disciplina e da mentira, e inaptos a
um sã raciocínio.

A educação infantil interessa-nos porque
tem influência no carácter dos indivíduos
de futuro comporão as Juventudes Sin-
dicalistas. Assim, para a infância pugna-
mos por uma educação livre e racional, que
de livre curso às aptidões dos indivíduos
nas primeiras idades, criando uma mentali-
dade proporcionalmente à sua formação
física e psíquica.

Não existindo essas escolas, cumpre-nos
corripir os defeitos dessa educação falsa,

TEATRO APOLO
Emp. Ruas
Tel. 11. 4939
CONDE DE MONTE CRISTO
HOJE
NA **Semana Santa**
O Martir do Calvário
Notável desempenho
Sobrerba encenação

Coliseu dos Recreios
A'S 21 HORAS
GRANDE SUCESSO
do famoso derviche tunisiano
Scarha Bey
nos seus emocionantes trabalhos
de alto fakirismo
Todas as atracções da
Grande Companhia de Circo
Amanhã: Festa artística dos
Irmãos Martinettis
Domingo — IMPONENTE «MATINÉE»

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No Politeama

Festa de Alexandre de Azevedo—O
segrêdo de Polichinelo, de Pierre
Wolff

«O segrêdo de Polichinelo», de Pierre
Wolff, conhecia-o já do antigo teatro de D.
Amélia. Lembra-me perfeitamente que foi
nessa época uma das peças que mais me in-
teressou pela brancura do seu assunto, pela
bondade que dela irradiava.

Além de humana, a peça é duma sa-
moral e quem a ela assista sai do teatro con-
solidado de ter visto teatro higiénico para a
alma e para a inteligência. Pierre Wolff
tem a grande qualidade de valorizar peque-
nas coisas, de dar o sentimento próprio
ao que muitas vezes passa despercebido a
olhos menos atentos.

Que enorme distância vai desta obra sa-
da a muitas obras actuais em que se não
aproveita um intuito, um sentido, em que a
inteligência e os sentidos saem desconcer-
tados, quando não prejudicados.

«O segrêdo de Polichinelo», que Alexan-
dre Azevedo escolheu para a sua festa ar-
tística, teve uma condigna representação.

O distinto actor, hoje da figura prima-
ria da nossa scena, fazia o papel outr'ora
criado por João Rosa. Compreendia-se por-
tanto a responsabilidade do cometimento.
Pois bem. Azevedo incarnou o simpático
papel de «vovô» com uma verdade, com uma
observação dignas do maior elogio. Não
teve uma vacilação, foi em toda a peça um
actor *comme il faut*, sóbrio, consciencioso,
emotivo. Do principal papel feminino en-
cargou-se Emília de Oliveira, essa sim-
pática actriz a que o nosso teatro deve tão
bons momentos de arte.

Emília de Oliveira foi admirável de por-
menorização, duma ternura impressionante.
A maneira calma e sentida como um in-
terpreto do 2.º acto merece um grande louvor.

Robles Monteiro deu ao papel de «Tre-
vom» toda a bonomia precisa. Amélia Rey
Colago, num papel relativamente pequeno
para os seus méritos, foi a inteligente actriz
de sempre. Bem Raúl de Carvalho. Real-
sando o bom tipo de ingénua, honeste-
naturalmente «constante» Navarro. Maria
Clementina «coqueta» e amorosa. Os ou-
tros artistas muito correctos. Duma grande
simplicidade e bom gosto o arranjo da
scena do 3.º acto.

A direcção cénica de Robles Monteiro
acertada, como sempre.

Nogueira de BRITO

Teodoro Santos

E' no dia 25 do corrente que no teatro
Politeama se realiza a festa de Teodoro
Santos com a representação da peça de
Júlio Dantas «A Severa» e em que o con-
sciencioso actor desempenha o papel de
«Custódia». Pelas simpatias de que goza o
festejado, que se impõe à consideração do
publico pelas suas qualidades, não é de
admirar que o publico que acorrerá ao Po-
liteama seja numeroso e escolhido.

Festa artística dos Irmãos Martinettis

E' amanhã que realizam a sua festa ar-
tística no Coliseu dos Recreios os impagáveis
faz-todos Irmãos Martinettis, que contam
entre o publico grandes simpatias e que
preparam para a sua festa um magnifico
programa.

Concertos Gui em São Carlos

Activam-se os ensaios para os concertos
que o grande maestro italiano Vittorio Gui
vai dar em São Carlos, o primeiro dos
quais se realizará num dos dias da próxima
semana. A bilheteira para a marcação de
lugares, sendo dada a preferência aos assis-
nantes da época lírica, abre na próxima
segunda-feira.

Rêclames

Jogador, aviador, casado, divorciado, au-
tomobilista destruindo o automóvel... dos
outros, ou fugindo com ele, incendiário e
pretendente a reincidência... matrimonial,
tudo isso é um dos personagens da galante
peça «Banca à glória» que ao Gimnásio
continua atraindo enorme concorrência e
despertando o maior entusiasmo. E para
alegria de todos, repete-se hoje, no Gimná-
sio, a «Banca à glória».

—Não há exemplo de tão colossal exito
como o que está obtendo, no Nacional, a
peça «Amor Vence» em que Ester Leão e
a seu lado em vários papeis de destaque,
Ribeiro Lopes, Isilda de Vasconcelos, Va-
lério Rajanto e Otelo de Carvalho são in-
excedíveis de graça; domingo, em única «ma-
tinée» será representada a linda peça o que
quer dizer que ao Nacional afilurá as me-
lhores famílias para aplaudirem todos os
felizes intérpretes.

—E' com «A Exilada», a empolgante peça
de Kistemaekers, traduzida por José Sar-
mento, que reaparece em Lisboa, estrean-
do-se no teatro da Trindade, a Companhia
Lucília Simões. Com a vinda da Compa-
nhia Lucília Simões para o Trindade, mar-
cada para sábado de Aleluia, e com a nova
tabela de preços, esse teatro fica sendo o
mais barato de Lisboa, tendo camarotes
de 20 escudos e fauteuil e balcões a 8
escudos.

—Estreia-se no Chiado Terrace o sur-
preendente «film» de aventuras, «Punhos
de Aço», magnífica interpretação de Re-
ginald Demy. Completa o programa a co-
média «Charlotte na Aldeia», por Charles
Chaplin e outros «films» de exito.

Segunda-feira estreia «O milagre dos Lo-
bos».

—No teatro Apolo estão-se realizando os
últimos ensaios da peça sacra *O Martir do
Calvário*, que será ali representada na se-

HOJE
No
Teatro Nacional
a encantadora peça
Amor vence
Domingo-Sensacional matinee—Domingo
Penúltima recita da linda comédia
BRILHANTÍSSIMOS SCENÁRIOS
Desempenho inigualável
PROTAGONISTA
Ester Leão

Últimas notícias

A construção do porto da Beira

Um protesto das classes operárias

BEIRA, 18, às 10,10.—Associação Geral
do Trabalho, reunida em assembleia geral,
informada breve construção do porto por
companhias estrangeiras que ficam fazendo
a sua exploração, ponderando a imprescin-
dível necessidade de proteger os legítimos
interesses nacionais, invoca instantemente
patrióticos esforços para conseguir que as
mesmas companhias se comprometam des-
de já a empregar pessoal português, ou
na sua máxima parte, quer existente nas
colónias quer vindo da metrópole, a fim-de
não succeder como duas actuais companhias
de caminhos de ferro e companhias de
descargas e estivadora que sempre em-
pregaram e continuam empregando grande
maioria do pessoal estrangeiro com graves
inconveniências de prestigio e lesão dos
altos interesses nacionais e dos trabalha-
dores portugueses, dos quais estão bastantes
desempregados. Sem persistentes esforços
de natureza indicada, os effectos da portaria
4550 serão, praticamente nulos. A assem-
bleia manifesta ser sua ansiosa esperança
a não continuação do alheamento da me-
trópole por estes indifereços assuntos de
que têm resultado males consideráveis e
que em relação ao porto desta cidade, cha-
ve do centro da provincia de Moçambi-
que, pode ter irreparáveis consequências
futuras do porto.

Pela mesa:—Armando Alves, Manuel
Moura.

Homenagem a Teófilo Braga

Reuniu extraordinariamente anteontem a
Comissão Teófilo Braga, tomando conheci-
mento de mais donativos destinados para a
Comissão erigir no Jardim da Estrela o
busto do glorioso fundador da história da
literatura portuguesa e um dos primeiros,
mais persistente e indefectível agitador das
ideias republicanas no nosso país.

Do sr. dr. António dos Santos Lucas,
50\$00; Câmara Municipal de Oeiras, 100\$00;
Junta de Arroios, 500\$00; Junta dos Aze-
does, 150\$00; Junta de Santos-O-Velho, 300\$00;
Junta de São Cristóvão, 100\$00. Total das
verbas subscritas 7.102\$00.

Em seguida a Comissão tomou delibera-
ções de carácter reservado, com referência
à Casa de Teófilo.

DENTES ARTIFICIAIS a 25\$00. Extrac-
ções sem dor
a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 ho-
ras a 20\$00. Dentaduras completas sem
placa em «cauchú». Consultas das 11 da
manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Ocorrências diversas

Depois de operado no Banco do hospital
de São José, pelos dres. Alberto Mac Bride,
Celestino Henriques e Carlos Larroude,
deu entrada na enfermaria de Santo Antó-
nio, António Augusto Borges, de 28 anos,
barbeiro, natural de Taboa e residente na
rua do Olival, 105, 1.º, que quando, na
residência, examinava uma pistola, esta dispa-
rou-se indo o projectil alojar-se-lhe no
ventre.

—Na enfermaria de Santo António do
hospital de São José, faleceu ontem, Alvaro
José Coelho, de 22 anos, natural de Braga,
serviçal, residente na rua Nova da Piedade,
85, 3.º, que, na madrugada de 8 último, foi
cuspido de uma moto, na Junqueira, tendo
então dado entrada no hospital com o nome
de Alvaro Delgado residente na rua de São
Bento, 86, 1.

PARA MEDITAR

Evoca-se a guerra de 1914 e as Conferências da Paz

Aqueles espíritos desolados que assistiram a todo o desenrolar da terrível guerra europeia e que têm vindo observando com atenção e serenidade essas conferências de paz que o mundo burguês tem projectado desde o célebre tratado de Versaillies; todos esses espíritos cultos, justos e sinceros, que conhecem muito bem as artimanhas burguesas e que lutam pelo advento duma sociedade de redenção humana, vêm claramente que essas conferências de paz, são puras ilusões, esperanças vãs e superficiais, saídas desse vasto oceano de política e inspiradas nas ante-cameras das potências vencedoras, na ansia de esmagar os vencidos e ludibriar os ingênuos.

Então hinos de paz em nome dos direitos e da liberdade dos povos, vão os seus grandes arsenais construindo instrumentos de guerra e de morte, anunciando futuras lutas sangrentas que levarão à prática, se as classes produtoras, internacionalmente unificadas, não puzerem um forte dique à marcha guerreira da burguesia, proclamando uma verdadeira era de paz e liberdade.

A guerra, esse monstro terrível que, surgindo sempre em nome da liberdade, sufoca e assassina essa mesma liberdade!

Apoiada na razão da força que lhe tem oferecido a ignorância dos povos, armista, pela cega disciplina militar, soldados para o campo da morte, como gado para o matadouro. E depois, ao som metálico dum clarim, lançam-se os mesmos soldados furiosamente contra os seus irmãos de miséria, sem que nunca os tivessem conhecido nem deles sofressem qualquer agravo.

Maldita seja tu, oh guerra, e mais os teus autores!

Fomentas a morte, semeando o luto e a dor! Os teus canhões revolvem a terra produtiva e fecunda.

Devastas tudo por onde passas, incendiando cidades, vilas e aldeias. És o maior crime que existe sobre a terra, crime que a história dos povos ainda hoje infelizmente regista como actos heroicos, erguendo-se, em nome da pátria, por ignorância ou má fé, estatuas às altas personagens guerreiras, estatuas que são cimentadas com o sangue e com as lágrimas dos povos.

Nós, os que trabalhamos e lutamos com a miséria, queremos a paz, é certo, mas uma paz sem exércitos, sem canhões e sem munição.

Dessejamos que os quartéis, antros de vício e de crime, se transformem em fábricas de produção ou em escolas profissionais. Precisamos que os milhões de homens que aos vinte anos são arrancados ao trabalho dos campos e das fábricas, não sejam afastados do seu árduo labor, e que esses milhares de toneladas de ferro e aço que se empregam na construção de instrumentos mortíferos, se apliquem em ferramentas que tragam o auxílio ao braço produtor e satisfaçam as necessidades gerais. É esta a paz desejada por todos os que trabalham, pois que são eles os que mais sofrem as funestas consequências de todas as lutas guerreiras.

Disseram os aliados que a guerra de 1914 era a guerra do direito e da liberdade dos povos, pois que o seu objectivo consistia em derrubar o imperialismo alemão e o seu poder militar.

E com essas frases bonitas, mas venenosas, conseguiram levar as massas ignorantes a caminhar para a horrível carnificina que tantos horrores e miséria trouxe à humanidade.

Deu-se começo à hecatombe e, os campos, cultivados e regados com o suor dos produtores para deles extrair a preciosa alimentação, foram transformados em terríveis recintos de batalha.

Os cantares alegres dos pastores e das ceifeiras, acompanhados em coro pelos gregos suaves e encantadores das aves, foram substituídos pelo troar do canhão e da metralha. Desapareceu a vida, a alegria para dar lugar à morte e à tristeza.

Começou a peleja e os homens, vergonha do século XX, bateram-se ferozmente. Decorreram quatro anos de lutas horripilantes. Os mortos e os mutilados foram aos milhões!

Todas essas vítimas do capitalismo se bateram pela Liberdade, mas terminada a guerra, que triste foi a desilusão para os ingênuos que acreditaram nessa decantada Liberdade!

Venceram os impérios centrais e o seu poder militar, é certo, e se muito nos regosia esse acontecimento, não podemos esquecer que ficaram de pé os imperialis-

mos americano, inglês e francês, com o seu colossal militarismo.

E o Direito dos povos e a Liberdade dos povos viu-se no bloqueio feito à Rússia, na guerra à Hungria, e estamos a vê-lo presentemente na grande repressão que a burguesia está exercendo sobre todos os povos que pretendem libertar-se das tutelas imperialistas.

Em face de tudo isto é urgente e necessário que as classes trabalhadoras despertem e vejam qual o caminho que há a seguir.

Nós queremos a paz, repetimos, mas uma paz duradoura, uma paz que una os povos na mesma comunhão de ideias, tendo por base os princípios salutar de justiça, equidade e bem-estar geral. Não queremos mais lutas sangrentas, vergonha da espécie humana e impróprias da época que atravessamos, e por isso devemos fazer guerra à guerra, proclamando a Paz Universal!

F. Nunes SCHEIDECKER

Câmara Municipal

Na sessão de ontem da Comissão Executiva foram tomadas as seguintes resoluções:

«Que sejam isentas de quaisquer impostos municipais todas as carnes destinadas aos hospitais de Lisboa e que sejam abatidos no Matadouro Municipal desde esta data».

«Que se faça a troca entre a parcela do terreno do hospital do Rêgo que terá de ser incorporado no leito da Avenida de Berne pela parcela do terreno municipal de forma triangular compreendida entre aquela Avenida e o muro do referido hospital, voltado ao nascente. Que logo que se façam as expropriações necessárias para a rectificação de traçado da Estrada da Torrinha, se conte com uma faixa de 5 metros, pelo menos, entre o referido hospital e aquela Estrada, a fim de se poder estabelecer o isolamento que é mister existir no hospital de doenças infecciosas».

«Que o Município de Lisboa ofereça, provisoriamente, uma das suas salas para nela serem expostos os valiosos objectos oferecidos ao Museu de Arte Antiga, pelo admirável poeta que se chamou Camilo Pessanha, e que urgentemente nesse sentido, se oficie ao sr. ministro da Instrução, acrescentando que poderão, os citados objectos, permanecer perpetuamente na Sala para esse fim oferecida, ou em outra, e a que se dará o nome do illustre orador, desde que o Governo os ceda ao Município».

«Que fique autorizada a Repartição da Polícia Municipal, com a maior urgência, a fixar um local destinado ao aluguer de bicicletas que hoje se faz no jardim do Aterro».

«Que seja concedido o subsídio mensal de 30\$00, à Secção de Construção Civil de Palma e Arrêdores, e que este abono seja feito a contar de 1 de Janeiro do corrente ano».

Associação do Registo Civil

Os corpos gerentes da Associação do Registo Civil, resolveram efectuar hoje, pelas 21 horas, na sua sede, largo do Intendente, 45, 1.ª, uma grande sessão para a qual ficam desde já convidados a tomar parte os elementos reconhecidamente liberais sem distinção de parcialidade política.

Egualmente são convidadas todas as organizações liberais da província, filiais, secções e delegações da Associação do Registo Civil, colectividades republicanas, socialistas ou anarquistas, a manifestar o seu sentir acerca do alarmante perigo para as liberdades públicas conquistadas em 5 de Outubro de 1910, enviando ao Parlamento o seu protesto.

Reitera-se a afirmação de que este movimento, unicamente de carácter liberal, é absolutamente alheio a todo o espírito político.

A 20 prestações

Sem fiador. Camas, colchoaria, calçado, fazendas, fatos. Abatimento de 10% para operários e empregados do Estado. Travessa de André Valente, 6.—Avenida Almirante Reis, 62.



FERRAGENS E FERRAMENTAS

CUTELARIAS E TALHERES

LOUÇA ESMALTADA

GUARNIÇÕES PARA MÓVEIS

REDE E PREGARIA

Telefone C. 2890

VIANA, REIS & NUNES, L. DA
OLEOS, VENTONHAS,
ENGENHOS DE FURAR,
LIMAS, BROCAS E MANDRIS

31, L. DO CONDE BARÃO, 32 e 33—LISBOA

A ÚLTIMA HORA

Acabam de chegar ao DEPOSITO DA COVILHA

ROSSIO, 93, 1.ª—LISBOA

GRANDES remessas de peças de ricos estambres mesclados, pretos e azuis para FATOS e SOBRETUDOS e ricas casimiras de fantasia. Boas saídas, gabardines para ventos de senhora. Vendas directas da fábrica ao publico. Tem já feitos e fazem-se por medida fatos, sobretudos e abafos para senhora com a máxima perfeição e rapidez.

Tem alfaiate, lito confundi e ao domicilio. Tem alfaiate, lito confundi e ao domicilio.

ROSSIO, 93, 1.ª—LISBOA

Telefone Norte 4663

Pedras Metal Auer

para isqueiros, assim como rodas e mo-

las, vendem-se no

Lata, do Conde Barão

Uma dúzia, \$40; 1 cento, 2\$80; mil, 25\$00

Largo do Conde Barão, 55

As caixas receptáculos para correspondência

Estando quasi concluídos os trabalhos que têm por fim pôr em prática este importante melhoramento, que coloca Lisboa e Porto, no tocante aos serviços da distribuição domiciliária, em plano igual às principais capitais do mundo civilizado, decidiu a comissão de carteiros encarregada dos respectivos trabalhos, solenizar esta tão útil inovação para o publico e para o pessoal, com uma sessão inaugural que se deve realizar na próxima segunda-feira, 23 do corrente, na sede da Associação de Classe do Pessoal Menor dos Correios e Telégrafos, rua da Madalena, 91, 2.ª.

Nesta sessão, far-se-á a experiência de uma das caixas receptáculos, a qual poderá ser apreciada por todos os presentes.

As caixas receptáculos devem entrar em execução no dia 15 do próximo mês de Abril, para o que se está enviando os respectivos avisos aos senhores.

Dada a importância do assunto e tratando-se duma inovação que interessa todo o publico de Lisboa, é da máxima conveniência que todos os que nela estejam interessados, assistam a esta sessão.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Dramático Luz e Progresso.

Realiza-se hoje, às 21 horas, um baile dedicado aos sócios e suas famílias. Domingo, às 21 horas, com a apresentação dos «Irmãos Bellines» e um acto de variedades, em seguida baile.

AGREMIações VARIAS

A Junta de Freguezia dos Restauradores.

Na sua ultima sessão, resolveu protestar contra o que se está passando no parlamento sobre a lei da Separação, pois pretende-se que esta seja alterada para se permitir o ensino religioso nas escolas, o que é uma afronta à referida lei e bem assim ao povo liberal.

Junta de Freguezia do Socorro.—Em sua reunião de 12 de corrente, resolveu exarar na acta o seu protesto contra a attitude das comissões da Câmara dos Deputados, manifestada nos pareceres referente ao projecto de autoria dos catholicos contrários à Lei de Separação da Igreja do Estado.

Resolveu mais, comemorar o dia 20 de Abril, anniversário da referida Lei, com uma sessão solene e um bôdo a 200 pobres da freguezia.

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 93

Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando

Narciso—A's 5 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.

Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.

Fele e silião—Dr. Correia Figueiredo—11 e 12 horas.

Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.

Doenças intestinaes—Dr. Mendes Belo—2 horas.

Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva—2 horas.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 horas.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto R. 21—3 horas.

Ecce e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.

Cancro e radio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.

Radio—Dr. Aeu Saldanha—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

MARCO POSTAL

Sines—Agente—Recebemos liquidação.

Pôrto—D. Castela—Não recebemos a

carta de que falas.

Vila Boim—Ass. dos Rurais—Recebe-

mos vale de 29\$00. Pagou a assinatura e

entregamos o restante à juventude.

Entroncamento—Isaac da Silva—Re-

cebemos carta e \$3500 para a assinatura.

Santo Aleixo—José Paulo Lolo—Viu

devolvido, novamente, o pacote com a in-

dicação de «desconhecido nesta localida-

de».

AGENDA

CALENDARIO DE MARÇO

| Q. | 1 | 11 | 18 | 25 | HOJE O SOL |
|----|---|----|----|----|---------------------|
| S. | 1 | 12 | 19 | 26 | Aparece às 6,43 |
| S. | 1 | 12 | 19 | 26 | Desaparece às 18,47 |
| D. | 1 | 12 | 19 | 26 | |
| S. | 1 | 12 | 19 | 26 | |
| T. | 1 | 12 | 19 | 26 | |
| Q. | 1 | 12 | 19 | 26 | |

| Q. | 1 | 11 | 18 | 25 | HOJE O SOL |
|----|---|----|----|----|---------------------|
| S. | 1 | 12 | 19 | 26 | Aparece às 6,43 |
| S. | 1 | 12 | 19 | 26 | Desaparece às 18,47 |
| D. | 1 | 12 | 19 | 26 | |
| S. | 1 | 12 | 19 | 26 | |
| T. | 1 | 12 | 19 | 26 | |
| Q. | 1 | 12 | 19 | 26 | |

| Q. | 1 | 11 | 18 | 25 | HOJE O SOL |
|----|---|----|----|----|---------------------|
| S. | 1 | 12 | 19 | 26 | Aparece às 6,43 |
| S. | 1 | 12 | 19 | 26 | Desaparece às 18,47 |
| D. | 1 | 12 | 19 | 26 | |
| S. | 1 | 12 | 19 | 26 | |
| T. | 1 | 12 | 19 | 26 | |
| Q. | 1 | 12 | 19 | 26 | |

| Q. | 1 | 11 | 18 | 25 | HOJE O SOL |
|----|---|----|----|----|---------------------|
| S. | 1 | 12 | 19 | 26 | Aparece às 6,43 |
| S. | 1 | 12 | 19 | 26 | Desaparece às 18,47 |
| D. | 1 | 12 | 19 | 26 | |
| S. | 1 | 12 | 19 | 26 | |
| T. | 1 | 12 | 19 | 26 | |
| Q. | 1 | 12 | 19 | 26 | |

| Q. | 1 | 11 | 18 | 25 | HOJE O SOL |
|----|---|----|----|----|---------------------|
| S. | 1 | 12 | 19 | 26 | Aparece às 6,43 |
| S. | 1 | 12 | 19 | 26 | Desaparece às 18,47 |
| D. | 1 | 12 | 19 | 26 | |
| S. | 1 | 12 | 19 | 26 | |
| T. | 1 | 12 | 19 | 26 | |
| Q. | 1 | 12 | 19 | 26 | |

| Q. | 1 | 11 | 18 | 25 | HOJE O SOL |
|----|---|----|----|----|---------------------|
| S. | 1 | 12 | 19 | 26 | Aparece às 6,43 |
| S. | 1 | 12 | 19 | 26 | Desaparece às 18,47 |
| D. | 1 | 12 | 19 | 26 | |
| S. | 1 | 12 | 19 | 26 | |
| T. | 1 | 12 | 19 | 26 | |
| Q. | 1 | 12 | 19 | 26 | |

| Q. | 1 | 11 | 18 | 25 | HOJE O SOL |
|----|---|----|----|----|---------------------|
| S. | 1 | 12 | 19 | 26 | Aparece às 6,43 |
| S. | 1 | 12 | 19 | 26 | Desaparece às 18,47 |
| D. | 1 | 12 | 19 | 26 | |
| S. | 1 | 12 | 19 | 26 | |
| T. | 1 | 12 | 19 | 26 | |
| Q. | 1 | 12 | 19 | 26 | |

| | |
|---------------------------------------|-----|
| Berlim, | 430 |
| ESPECTÁCULOS TEATROS | |



A OBRA DUM ALTO COMISSÁRIO

Como Azevedo Coutinho é tratado em Moçambique nos panfletos que os estrangeiros ávidamente lêem

Essa sombra de governo que tripudia sobre os interesses de Portugal, parece que, na sua criminosa teimosia de não demitir imediatamente o Alto Comissário Azevedo Coutinho, —alega ser preciso manter o princípio do prestígio da autoridade que fortemente ficaria abalado com o triunfo dos trabalhadores dos C. F. L. M.

Para estes homens de ordem, o «prestígio da autoridade» é a muleta que ampara todos os crapulosos, todos os incompetentes, todos os tiranos: — para os que trabalham, produzem, amam e sofrem, esse prestígio, porém, só pôde residir e manter-se nos indivíduos que pela sua conduta privada e pública, pelos seus actos de administração e pelos seus gestos de justiça, conseguem manter-se superiores aos interesses privados identificando-se com as aspirações colectivas.

Ora em Azevedo Coutinho, por mais que queiram, não é possível encarnar o prestígio da autoridade. Seria preciso para isso, que a sua conduta, privada e pública, fosse isenta de manchas, — e ela tem as sombras mais carregadas que é possível imaginar, algumas reflectindo-se, de processos que se arrastam, com grave escândalo, pelos tribunais da capital; e os seus actos de administração, documentados em A Batalha, atestam, a par da mais descompensada incompetência, a nefasta obra de um louco perigoso, a precipitar num abismo horrível uma Colónia que possui recursos formidáveis para alcançar um futuro largo e próspero.

Portanto, não é possível manter o prestígio a uma autoridade que nunca o teve. A um governante que, antes de desembarcar em Lourenço Marques, já tinha dado o direito, a toda a gente, de lhe comentar, com ironia e até com desprezo, a conduta privada e pública.

Depois, a acção deletéria de Azevedo Coutinho, traduzida no manifesto proposto que tem demonstrado de se divorciar das aspirações colectivas para abraçar os interesses privados, conduziu-nos ao mais desprezível conceito administrativo dos estrangeiros que enxameiam a capital de Moçambique e dos governos das colónias que cercam aquela província, ao mesmo tempo que reduziu a uma situação alitiva, muito próxima da falência, todos os homens que se lançaram em empreendimentos económicos.

Para cúmulo, Azevedo Coutinho lançou-se na mais feroz perseguição à classe ferroviária, diminuindo do seu gesto destranhado e despojado o rasgamento de todas as garantias, de todas as liberdades constitucionais, prisioneiras sem conta, deportações, desordens de toda a espécie, supressão da liberdade de imprensa, compra de mandantes à custa das magras receitas públicas, prejuízos incalculáveis para o Estado, violências, mortes e caos na administração, o terror nos espíritos...

Pode residir o princípio da autoridade, o seu prestígio e função, em tal despota, misto de tirano e mentecapto?

Não pode.

Vamos ver, porém, desde que foi suprimida de todo a liberdade da imprensa em Lourenço Marques, como a tormenta rugiu em panfletos que os estrangeiros ávidamente lêem, reboando-se de gózo. Vamos ver de que prestígio se acha cercado, na província que espelha e afronta, o Alto Comissário de Moçambique, extraindo duma «carta aberta» a ele dirigida, os seguintes períodos:

«E' tempo excelência de vos retirardes, para bom nome desta amargurada província, que geme e baqueia sob o peso de tanta ignomínia.

«Estamos próximo do fim desta tragédia, evita o desfecho, não espereis que o pano desça sob a vossa cabeça de governante. E' doido o povo quando se sente oprimido...

Deixai o lugar que usurpastes tão vilmente, a quem saiba governar com honra e dignidade e, sobretudo, saiba ser português. Patenteai a vossa inferioridade moral e intelectual, fazei as malas, levai o palácio e os automóveis se assim o desejardes, mas deixai a província, e isso bastará para que o povo se sinta satisfeito. Sobretudo levai a canha, a quem pagais tão generosamente; levai essa escória de gatinhos, gatinhos de dinheiro de subscrições, traidores, incendiários, falsificadores, bigamos e assassinos, etc., de quem sois cúmplice e principal chefe.

«E' este o caminho da liberdade para vós e para o povo, não deixeis pois, cair o povo desta infame tragédia sobre a vossa demetida cabeça.

«Nestas linhas vai a voz do povo, a voz da consciência, a voz da martirizada província.

«Fora, gritará toda a população se lhe perguntardes qual a sua opinião sobre os actos do vosso crapuloso governo.

«Democrata!... Democrata!... Como é vil essa vossa hipocrisia, se nem sequer sabeis definir essa sublime palavra que se chama Democracia.

Vitor Hugo!... Até o vosso nome foi roubado ao grande escritor que o mundo admira e venera, enquanto que vós, reles usurpador, sois odiado por quantos vos conhecem, e o resto do Universo rir-se-ia de desprezo se soubesse da vossa existência.

Nestas veias que atravessam a vossa raquítica constituição orgânica, vegeta e vive um sangue que não é vosso, porque nem na Pátria Portuguesa vos foi dado nascer. Sois, enfim, uma espécie de mongóico com pretensões a mandarim do solo Lusitano, onde vive um povo, pleiade de heróis, que em breve vos arrastará para a galeria dos criminosos célebres.

Sois ignorante, não ligais importância ao povo e deixais a rédea solta quem outrora nos comícios, pregando democracia, se apresentava em pleno verão, de sobretudo reles e pulido, para que se lhe não vissem os fundilhos rotos, mas o povo que tudo vê, viu esse miserável pregando a liberdade, e hoje lê as leis que nos Boletins Oficiais, esse malandrim faz e manda colocar nas ruas, numa incompreensível prosa e num indecente português: esse homem é o célebre secretário do Interior, ex-faminto e

actual conquistador da gamela, e para vergonha nossa, esses mesmos Boletins foram rasgados pela própria autoridade policial, de que um liliputiano diz ser chefe supremo, e é capitão por falta de craveiras».

Arrastado assim, onde está o prestígio de Azevedo Coutinho?

No espírito dos que rafeiramente se lhe venderam pelo prato de lentilhas do prémio das transferências?

No espírito dos que sabujamente se lhe deitaram aos pés roendo os ossos de empregos?

No coração da escória de gatinhos, traidores, incendiários, falsificadores, bigamos, assassinos?

Ah! que se o prestígio da autoridade tem de assentar em pilares tão fortes, então, sim, Azevedo Coutinho tem escoras de primeira grandeza; mas se tem de alcegar-se nas suas obras e de reflectir-se na opinião honesta e independente, — o Alto Comissário de Moçambique é já um morto em adiantado estado de putrefacção, a quem nenhum homem de honra, vergado pelas desditas da nossa mais esperançosa e rica possessão ultramarina, deixa de virar as costas, com horror e com desprezo.

O Ministério, porém, vai agüentando esse farrapo humano. O Parlamento, onde têm voz os representantes de Moçambique, suicida-se, conservando-se silencioso perante as prepotências, os erros, os esbanjamentos, as tiranias, os crimes do «Nero de Moçambique».

E ainda há quem acuse o raio, quando a tormenta, formidável e dominadora, se desencadeia!

Trabalhadores portugueses, — a tragédia de Moçambique segue o seu curso, rugidora e ciclópica.

Caem varados, esfomeados nos presidios, arrastados nos vagões-fantasma, chicoteados nas masmorras, os ferroviários vossos irmãos, — enquanto uma imensa onda de revolta não obrigar essa sombra de governo que ali está, a demitir o soba que espinoiteia em Moçambique sob a repulsa de todas as forças económicas, sociais e políticas daquela Colónia, e apenas com o aplauso de crapulosos e vendidos.

Destes faremos também a história, para se ver a que quadrilha se apoia, em Lourenço Marques, Vitor Hugo, o «Afia Navalha».

SOLIDARIEDADE

Pré-presos por questões sociais

Promovido pela Associação de Classe da Construção Civil e Artes Correlativas de Paredes e Arredores realiza-se no dia 3 de Abril um certame de cedadas em benefício dos presos por questões sociais. Toma parte nesta festa uma cedada de Paredes intitulada «O Futuro» e o entreacto polémico «Não creio em Deus».

Pré-famílias dos deportados

No Ajuda Club, rua Jardim Botânico, 2, realiza-se no dia 27 do corrente, às 21 horas, uma grandiosa festa em favor das famílias dos operários deportados.

Do programa consta: uma conferência pelo nosso camarada de redacção Mário Domingues, a representação do emocionante drama «Gatinhos de luva branca» e um acto de variedades.

Tomam parte nesta festa: o Grupo Solidariedade Operária, o Grupo Ajuda Club e os srs. Silva Coelho, Gustavo José Filipe e D. Carmem de Carvalho.

Está reunido um congresso de ferroviários franceses

SAINT-ETIENNE, 18.—No salão da Câmara Municipal, em Roanne, estão decorrendo as sessões do congresso da União dos Sindicatos confederados do P. L. U. (ferroviários). Fazem-se representar quarenta e cinco sindicatos por mais de cinquenta delegados, estando igualmente representados: a C. G. T., a Federação Ferroviária, União Ferroviária do Norte, União dos Ferroviários do Estado, Ferroviários do Meio-Dia, do Norte belga, da Alsácia-Lorena, Paris-Orléans, e a União dos Sindicatos do Loire. Foi admitida sem discussão a participação no congresso da Bolsa de Trabalho.

Midol e Porrier expuseram as suas teorias sobre unidade sindical, frente única e acção para aumento de salários, retirando-se em seguida.

A assembleia apreciou depois o extenso relatório moral que englobava as questões da unidade, da readmissão, dos salários, dos subsídios de residência, das oito horas e a situação do antigo combatente. —H.

Comissão organizadora do Ateneu de Estudos Sociais

A comissão organizadora de Estudos Sociais, na sua última reunião, resolveu convocar a reunião no próximo dia 20, pelas 21 horas, todos os militantes sindicais revolucionários, para tratar de vários assuntos e entre eles a discussão das bases orgânicas do citado Ateneu.

Espera que todos os militantes compareçam a fim de se pôr em execução os referidos trabalhos.

O local da reunião é o mesmo, onde se realizaram as reuniões, onde foi nomeada a referida comissão.

Funcionalismo público

A direcção da Associação do Pessoal Menor das Secretarias do Estado avisou-se ontem com o ministro das Finanças para que lhes fosse dado qualquer despacho a sua petição em que solicitava o pagamento dumas diferenças em atraso ao abrigo da lei 1452. O sr. Marques Guedes, de harmonia com o parecer do director geral de Contabilidade, sr. António Malheiro, deferiu a pretensão.

Lê a revista gráfica RENOVACAO

CONTRA O FASCISMO

Hoje, mais duas conferências:
na Associação dos Alfaiates fala o dr. Ramada Curto

Prosseguindo, como é mister, na propaganda contra os intuitos negros da gente que em Portugal pretende implantar o sistema fascista, cujos exemplos mais expressivos são os da Itália, Espanha, Grécia, Bulgária e Hungria, realizam-se hoje mais duas conferências levadas a efeito pela comissão de homens livres que sobre si tomou o encargo de chamar a reunir as pessoas para quem as liberdades conquistadas representam alguma coisa de invulnerável.

Na Associação dos Alfaiates, Rua dos Fanqueiros, 300, 2.º, será conferente o dr. Ramada Curto.

Na Secção do Alto do Pina falará o professor Ladislau Batalha

Na sede das secções dos Sindicatos Metalúrgico, dos Manufactores de Calçado e da Construção Civil do Alto do Pina, será conferente o professor Ladislau Batalha. Estas conferências tem início às 21 horas, sendo a entrada franca.

CONFERENCIAS

Sobre o jornalismo na Rússia

Na sede do Sindicato dos Profissionais da Imprensa realizou ontem o nosso preado colega Reinaldo Ferreira a sua conferência, subordinada ao tema «Como eu entrei na Rússia», que resultou numa análise brilhante e imparcial do estado presente do jornalismo no país dos soviets.

Pelas 13 horas a sala do Sindicato encontrava-se repleta, vindo-se entre a assistência além de muitas senhoras e jornalistas, muitos operários e outras pessoas a quem interessa o exacto conhecimento do que se passa actualmente na Rússia.

Pouco depois dessa hora, Reinaldo Ferreira, sem formalidades de apresentações, que o seu nome soavelmente conhecido de reporter, audacioso e brilhante dispensam, iniciou a sua conferência.

Começa por dizer que embora a conferência tenha sido anunciada sob o título de «Como eu entrei na Rússia» — o tema principal será outro.

Conta as dificuldades que se antepõem actualmente, como arame farpado, à entrada do jornalista estrangeiro na Rússia. De 1922 até Agosto do ano passado o Estado soviético favorecia a visita dos repórteres, desejoso de atrair gente aos seus negócios e de terminar com as lendas de terror. Mas desde que Henri Béraud foi à Rússia como jornalista socialista e viu exagerando, e por vezes calunhando, o governo soviético mudou, completamente, de attitude.

O que há de censurável na reportagem de Béraud não é a rotura ou a traição aos seus pactos políticos. Disse o conferente: A mim interessa-me cada vez menos o jornalista como compromissos políticos. A política é, foi sempre um subdono moral, na escrutinatura profissional para os jornalistas. Refiro-me ao Béraud repórter; o Béraud que foi encarregado de saber a verdade e que trouxe a calúnia, para agradar a patrões. Coincidindo as suas «démarches» com o regresso de Béraud, a embaixada de Berlim negou-se, durante algum tempo, a dar-lhe o passaporte. Foi o acaso que, fazendo com que ele se esquecesse da pasta na embaixada na qual se encontravam algumas cartas de amigo, quem perferiu a muralha levantada, obtendo então o passaporte.

Da viagem não mais tem a dizer. O que deseja focar é a imprensa russa.

A Rússia não tem tradições de imprensa. Os que, na Rússia, podiam ser, num jornalismo bem organizado, os panfletários — como Gorki, Chacoy, Andreief e Tolstói — preferiram os livros aos jornais. A própria imprensa clandestina, que tão útil é aos oprimidos como foi na Bélgica e como está sendo na Itália, por ter sido feita por profissionais — indispensáveis sempre em todas as obras jornalísticas — não teve, na Rússia dos Tzars, uma existência marcante, a pesar dos heróis que nela se sacrificaram.

«Com o sangue dos mártires da imprensa clandestina russa podia-se imprimir um jornal. Mas eles, eram estudantes, sábios, operários, médicos — tudo, menos jornalistas. E daí a sua ineficácia. Não existe mdtier onde os «Simões Carneiro» sejam tão prejudiciais como no nosso.

Refere-se depois à imprensa actual da Rússia, com exuberância de bom material e de bom papel — mas monotonicamente igual, oficial, sem cor, sem liberdade, sem técnica, sem sabor.

Nos jornais bolchevistas todos escrevem menos o jornalista. Evoca então um incidente da sua viagem à Rússia, que lhe revelou a situação verdadeira do jornalista russo — desprestigiado, enxovalhado, desprezado.

E termina dizendo:

«Na Rússia, existe um gigante que, lentamente, vai dando passos gigantescos; e ao mesmo tempo um anão, em passos de criança. Não sei qual dos dois chegará primeiro à meta. Ambos têm feito bom e mau. Há boas obras mal intencionadas e más obras que levam uma nobre intenção na sua essência.

Eu tenho querido ser honrado com a minha reportagem e nesta conferência. Patiei mas também aplaudi. Como jornalista, tortura-me pensar nesses nossos irmãos da Rússia, os jornalistas, os que têm a dignidade do «metier», que não entraram com tantas ambições de voto e de liberdade e que, por cruel paradoxo, sofrem, sob o regime dos soviets, a mais humilhante das situações.

Para eles, camaradas, para eles a vossa comocão. Tão longe se encontram esses infelizes que coisa alguma podemos fazer.

«Ihes. Mas que os console a ideia de que no outro extremo da Europa os jornalistas se indignam contra a escravatura a que foram votados».

«Ao terminar a sua conferência, Reinaldo Ferreira foi calorosamente aplaudido.

«A próxima conferência da série promovida pela direcção do S. P. I. L. é realizada pelo distinto escritor Ferreira de Castro, que acaba de regressar da Espanha e que escolheu para tema do seu trabalho: «A actual situação do jornalismo no país vizinho».

«Metalurgia do ferro»

O sr. Charles Lepierre realiza hoje, pelas 21 horas, na secção dos sindicatos Metalúrgico e da Construção Civil de Belém, rua Paulo da Gama, 6, 1.º, onde funciona uma secção da Universidade Popular Portuguesa, a segunda conferência da interessantíssima série que, subordinada ao tema «Metalurgia do ferro», no mesmo local vem realizando.

A entrada é pública.

«Rafael Bordalo Pinheiro»

Subordinado ao tema «Rafael Bordalo Pinheiro, desenhador», o conhecido artista J. Saavedra Machado realiza no próximo domingo, às 21 horas, na Universidade Livre, uma conferência pública, na qual apreciará o desenho de Rafael, a técnica e o modo de trabalhar do artista, os insatisfeitos da forma, retratos e trabalhos notáveis de Bordalo, os tipos humildes, o artista descrito por alguns escritores do seu tempo, o cómico e o trágico na obra do caricaturista, e a evolução da arte do mestre. Por este sumário avaliará o público como deve ser interessante a conferência deste ano, promovida pelos Amigos Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

«A dificuldade de ser professor em Portugal»

Promovida pelo Núcleo dos Professores Primários Oficiais de Lisboa realiza hoje na Sociedade de Geografia, o dr. sr. João Correia uma conferência sob o tema «A dificuldade de ser professor em Portugal».

O Congresso Nacional das Juventudes Sindicalistas

Em virtude de dificuldades surgidas ultimamente, entre as quais a falta de solidariedade por realização deste congresso, por parte da maioria dos sindicatos e organismos centrais e a impossibilidade da publicação de todos os trabalhos até esta data, já não se efectua o II Congresso Nacional das Juventudes Sindicalistas nos dias 21, 22 e 23 do corrente mês, ao contrário do que estava anunciado, devendo realizar-se implicitamente no próximo mês de Abril.

Na próxima reunião do Conselho Federal será proposta a data definitiva para esse feito.

AS GREVES

NO ESTRANGEIRO

Resposta à letra dos mecânicos ingleses

LONDRES, 18.—Ao receberem o aviso prévio do próximo lock-out nacional, os mecânicos de Londres declararam-se imediatamente em greve, tendo decidido não retomar o trabalho enquanto o lock-out não termine. —H.

Pedreiros franceses

ANNECY, 18.—Terminou já a greve dos pedreiros de Rumilly, após uma última entrevista com os patrões, que lhes cederam um aumento de 70 centimos por cada hora de trabalho. —H.

Bota achada

Na nossa redacção e para ser entregue a quem provar pertencer-lhe, encontra-se uma bota de senhora, em preto e já meia usada.

CRISE DE TRABALHO

Os tanoeiros de Lisboa tomam importantes resoluções

Reuniram em assembleia os tanoeiros de Lisboa, sob a presidência de José da Silva, secretariado por Serafim Aranha e Estevo Azenha.

Antes da ordem de trabalhos, Faustino Ferreira protestou contra os maneios dos indivíduos que pretendem implantar em Portugal o fascismo, aconselhando a classe a preparar-se para responder convenientemente aos desejos dos ditadores.

Depois de nomeados para a Câmara Sindical do Trabalho José Capelo, José da Silva e Eusebio Ferreira, a assembleia ocupou-se da crise de trabalho que lavra na indústria, exproubando o procedimento daqueles operários que vão trabalhar para os arredores de Lisboa por preço inferior ao da tabela, e criticou a attitude das camaras do norte que estão emigrando para Lisboa com manifesto prejuizo dos operários que aqui se encontram.

Depois de falarem sobre o assunto alguns oradores foi aprovada uma proposta que estabelece os seguintes princípios: quando algum operário vá trabalhar para os arredores de Lisboa por preço inferior ao da tabela, só poderá voltar a trabalhar na capital depois de uma assembleia assim o resolver; o oficial do sindicato do norte não permitindo que venham para Lisboa operários da especialidade enquanto durar a crise de trabalho.

A fim de evitar a introdução do vasilhame do norte foi nomeada uma comissão de resistência a qual ficou composta por José Augusto, Augusto Saraiva, Jejuino Freitas, Ramiro Ferreira, e António Oliveira Rocha, comissão que deve verificar quais são as casas que mandam vir tal vasilhame a fim de se proceder para com os tanoeiros que lá estejam arranjando o vasilhame.

Foi apreciada a tentativa de redução de salários e de mão de obra levada a efeito no último sábado pelo gerente da firma J. T. Pinto Vasconcelos para com os seus operários tanoeiros, sendo aplaudida a attitude dos operários que souberam responder altivamente dentro das deliberações do seu sindicato.

Por último Faustino Ferreira informou a classe que se pretende pôr em prática um plano maquiavélico, o qual virá agravar mais a situação de todos os tanoeiros em Lisboa.

Segundo asseveraram ao orador brevemente deve chegar a Lisboa um barco de vela carregado de vasilhame vazio das colónias, o que a verificar-se virá afectar ainda mais a nossa situação. Por isso Faustino Ferreira lembra a conveniência de todos se precaverem, não arranjando tal vasilhame visto ele ser prejudicial neste momento de crise.

Foi ainda apreciada a forma como alguns camaradas estão procedendo, os quais tendo trabalhado três dias em uma casa, vão trabalhar os outros três para outra com prejuizo daqueles que se encontram sem trabalho.

Discutido este assunto foi aprovada uma proposta para que nenhum camarada que tenha três dias vá trabalhar para outra casa enquanto se verificar a crise de trabalho.

Foi aprovado um protesto contra as atrocidades cometidas nos grevistas de Lourenço Marques, e contra a pena de que foi alvo o nosso camarada Lúcio dos Santos.

Operários metalúrgicos

A comissão de melhoramentos do S. U. Metalúrgico convidou todos os operários sem trabalho que ainda se não inscreveram a fazê-lo na sede do Sindicato, todos os dias, das 20 às 22 horas, a fim de normalizar a nova inscrição.

Operários das obras do Estado e associados sem trabalho

Reuniram ontem os operários das obras do Estado e associados sem trabalho. As comissões de *démarches* explicaram à assembleia o que se passou com os ministros do Comércio e da Instrução sobre o reforço da verba para as obras e aumento do orçamento para o futuro ano económico, e sobre a reabertura das obras dos monumentos nacionais.

Também foram entregues algumas guias a operários sem trabalho, prosseguindo as comissões nos seus trabalhos para serem colocados os restantes operários desempregados.

Ferroviários do Estado

A sua Comissão de Melhoramentos tratou ontem novamente das suas reclamações

Ontem a comissão de melhoramentos dos ferroviários do Estado composta por delegados do Minho e Douro, (União Ferroviária) e Sul e Sueste (Sindicato Ferroviário) avisou-se no Parlamento com o sr. Gaspar de Lemos ministro do Comércio, a quem pediu uma resposta às reclamações entregues já há dias, dizendo o ministro que devido ao enorme trabalho que corre pela sua pasta ainda não pôde dedicar-se convenientemente ao estudo da resposta dada às reclamações pelo administrador geral. No entanto ia enviar todos os seus estorços para no próximo sábado dar uma resposta decisiva sobre o assunto.

Também a comissão procurou falar com o presidente do ministério sobre o assunto, mas devido a ter sido chamado à sala das sessões não o pôde fazer, ficando no entanto de falar com o seu colega do Comércio sobre as reclamações dos ferroviários do Estado.

Os comissionados mostraram ao ministro do Comércio um ofício enviado da União Ferroviária do Porto, demonstrando o estado enervante em que a classe se encontra pela demora na resolução deste momentoso assunto.

MUSICA

A brigada da guarda naval (banda de música) realiza hoje um concerto público das 14 às 15.30 horas na parada do quartel com o seguinte programa:

«Marche des Beaux-Arts», Vanperck; «Othello», Seleção, Verdi; «Juanilla la Pechelera», Alonso; «Les Erenyes», Massenet. II—Divertissement, II—Danse Grecque, III—Entr'Acte, IV—Danse des Satruneles, «Egmont», Abertura, Beethoven, «Le Départ», P. D. Sellenick.

Vida Sindical

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Camara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Para resolução de assunto urgente a Comissão Instaladora convida as comissões administrativas do Sindicato dos Corticeiros de Lisboa e da Secção dos Corticeiros de Belém, a enviarem um ou mais elementos das referidas comissões, à reunião da Comissão Instaladora da Câmara, que se efectua na próxima segunda-feira, 22, pelas 21 horas.

COMUNICAÇÕES

Manipuladores de Pão.—A Direcção convida os manipuladores de pão que o possam fazer a passar hoje pela sede do sindicato, pelas 14 horas, a fim de lhes serem entregues os manifestos para a assembleia que se realiza no próximo domingo, às 19 horas.

S. U. Metalúrgico.—A comissão de melhoramentos, em sua reunião de 17 do corrente, ocupou-se largamente da crise de trabalho que lavra na indústria, constatando que uma parte dos desempregados, com um desprezo absoluto pela sua situação, não comparece no sindicato a inscrever-se no boletim dos sem trabalho.

Não tendo as *démarches* da comissão de melhoramentos junto do patronato e do governo produzido um resultado satisfatório, a mesma comissão resolveu instar novamente com aquelas entidades no sentido de serem colocados os operários desempregados há longos meses.

Foi resolvido editar um manifesto à classe metalúrgica convidando-a a reunir por todo este mês a fim de se estudar a crise de trabalho.

A comissão de melhoramentos tomou ainda conhecimento de uma queixa de Francisco Lobato, serralleiro, contra o 1.º maquinista do vapor «Marta», sr. Sabino.

A comemoração do 3.º aniversário da greve metalúrgica de 18 de Março de 1923 foi, por resolução unânime, adiada *sine-die*. No final da reunião foi aprovado um voto de sentimento pelo militante Francisco Viana.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:
Pintores da Construção Naval.—Pelas 20 horas, a Direcção.

S. U. Mobiliário.—Os corpos gerentes para assunto de máxima importância.

S. U. C. Civil—Secção dos Pedreiros.—Pelas 20 horas, o tesoureiro da gerência de 1925, para esclarecer um assunto que lhe diz respeito.

Assalariados do Depósito de Fardamentos.—A assembleia geral, pelas 17.30 horas, a fim de apreciar as contas do ano findo e a situação da comissão de melhoramentos.

Corticeiros de Belém.—Pelas 17 horas, a assembleia geral, para resolver sobre a forma de fazer a cobrança e outros assuntos.

DIAS PROXIMOS

Operários Municipais—Secção Profissional de Calçados.—Reúne no dia 23 para eleição da comissão do corrente ano e assuntos vários.

S. U. Metalúrgico.—Reúne na próxima terça-feira, pelas 20.30 horas, a assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Apresentação de contas do fim do ano de 1925; 2.º Nomeação da comissão revisora de contas; 3.º Nomeação de cargos vagos; 4.º Assuntos diversos.

Comissão de Melhoramentos.—Reúne na próxima segunda-feira, às 20 horas.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Não se realiza hoje a assembleia geral do núcleo, devendo a mesma ser convocada oportunamente pelo Secretariado Central.

Comissão Organizadora do II Congresso Nacional.—Reúne hoje, pelas 21 horas, na Federação.

Secção Telegráfica

Federações

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Alberto Silva.—Informa para a Federação se te demoras na província. Em caso afirmativo informa da sua direcção com urgência.

Pró prêsos

A comissão organizadora do festival em favor dos prêsos por questões sociais previne todos os camaradas a quem tenham sido passados bilhetes, que a festa que estava anunciada para o dia 22, por motivo de força maior, fica adiada para dia que será oportunamente publicado, continuando os bilhetes à venda na administração de A Batalha, e Comité Pró-Prêsos.

«O Anarquista»

Uma festa em favor deste jornal

P